

Cuidados paliativos em contexto de serviço de urgência – percepções das equipas de enfermagem

Ana Rita Nabais Cunha¹, Maria Lurdes Martins²

¹ Enfermeira, Hospital Garcia de Orta, Serviço de Medicina Interna; Estudante do 12.º Mestrado em Enfermagem com Especialização em Enfermagem à Pessoa em Situação Crítica.

² Professora Auxiliar, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Católica Portuguesa.

Introdução

O serviço de urgência (SU) é considerado um local de abordagem ao doente crítico, com necessidade de estabilização rápida, movendo-se a um ritmo rápido de prestação de cuidados. Mas quando a este recorrem doentes com necessidades específicas, como doentes paliativos, ou quando no mesmo serviço de urgência os doentes são confrontados com a notícia de um diagnóstico desfavorável, estarão as equipas do SU preparadas para prestar cuidados a estes doentes?

Nos últimos anos, foram realizados imensos esforços no sentido de definir e implementar cuidados paliativos a nível global; no entanto, no SU permanece ainda a necessidade de implementação destas medidas, dando ênfase à necessidade de existir mais investigação neste sentido, de forma a demonstrar quais as melhores estratégias de atuação.

Chan afirma que a morte é ainda um assunto pouco trabalhado e discutido na sociedade, e para profissionais que são treinados para “salvar vidas” esta abordagem paliativa pode parecer uma dicotomia, particularmente num SU, constituindo um verdadeiro desafio para quem tem de enfrentar estas situações.

Assim, surge a questão de investigação “quais as percepções dos enfermeiros de um serviço de urgência sobre cuidados paliativos?”, sendo este o principal objectivo do estudo em causa.

Materiais e Métodos

Estudo de natureza qualitativa e exploratória. Foi desenvolvido um instrumento próprio para a colheita de dados, uma entrevista semiestruturada com perguntas de cariz quantitativo. As entrevistas foram realizadas presencialmente, transcritas e analisadas. Das respostas resultantes, foi realizada a análise de conteúdo da mesma. Foi utilizada a letra

“E”, representativa de uma transcrição, e um código numérico (1,2,3) para a ordem de participação. O instrumento foi estruturado de forma a dar resposta à questão de investigação e com base nas premissas do Plano Nacional de Cuidados Paliativos. Os dados quantitativos foram analisados em Microsoft Excel. Para a realização deste estudo foi pedida autorização formal à direção de enfermagem do hospital em questão. Os participantes foram informados de que a participação era voluntária e já tinham sido previamente esclarecidos acerca da natureza do estudo.

A amostra é constituída por 15 enfermeiros do SU, e a recolha de dados ocorreu em junho de 2019.

Resultados

Da análise dos resultados emergiram quatro categorias: necessidades formativas, recursos físicos/humanos, estratégias de *coping* e articulação de cuidados.

A necessidade de formação na área de cuidados paliativos continua a ser vital para que estes profissionais estejam preparados para não só identificar estas situações mas também para puderem atuar em conformidade e referenciar para equipas diferenciadas. A necessidade de adequação dos recursos físicos e humanos é também uma realidade, referindo que o ambiente do SU é desfavorável à prestação de cuidados diferenciados. Os profissionais referem também a necessidade de adoção de estratégias de *coping* com estas realidades.

Quando questionados sobre se são aplicados cuidados paliativos no SU, 60% dos enfermeiros responderam afirmativamente, colocando, no entanto, limitações para a realização dos mesmos. A falta de recursos humanos e físicos é uma grande determinante.

Relativamente às necessidades que os enfermeiros apresentam, foram identificadas seis categorias: controlo da dor, controlo da dispneia, comunicação

com a família, identificação das situações, articulação com equipa médica/intra-hospitalar e controlo de sintomas específicos.

Apesar de os resultados se encontrarem distribuídos de forma semelhante, o controlo da dor apresenta uma maior percentagem (21%), seguido pela dificuldade de comunicação com a família, com 19%. Relativamente às estratégias de *coping*, surgem algumas das principais dificuldades relativamente à forma de lidar dos enfermeiros não só com a doença crónica mas também com a finitude da vida. É verdade que esta realidade ocorre de forma transversal por toda a tipologia de serviço, no entanto parece ser uma grande preocupação destes profissionais de saúde a necessidade de adquirirem ferramentas para conseguirem prestar cuidados de maior qualidade neste tipo de situações.

Conclusão

Este estudo não só nos revela a importância da atuação nos diferentes contextos dos serviços de saúde como também se torna fulcral numa atuação de primeira linha como o SU na sinalização cada vez mais precoce de doentes que necessitam de encaminhamento para cuidados paliativos.

Vem assim demonstrar cada vez mais que os cuidados paliativos não se centram apenas numa unidade, numa equipa, numa disciplina, mas que são globais e que pertencem em todos os locais de prestação de cuidados e à formação de todos os profissionais de saúde.